

Entrevista com a professora Lúcia Helena de Oliveira Gerardi*

Geosul- Para iniciar gostaríamos de saber onde você nasceu, sua família, sua infância...

Profa. Lúcia - Eu queria começar dizendo que é uma honra e um grande prazer estar aqui para esta entrevista e eu não sei se estou à altura de tanto . Provavelmente tenha sido o destino, as forças do alto que conspiraram para que este evento acontecesse hoje. É que hoje, dia 5 de setembro, seria o aniversário da minha mãe, que infelizmente já se foi.. Eu nasci, em 5 de abril de 49, desta mãe maravilhosa chamada Iracema, e de um pai, também maravilhoso, chamado Manoel, em Campinas, mas fui registrada e criada em Americana, no Estado de São Paulo. Portanto, sou uma jovem senhora. Eu tenho um irmão, Ailton, que também é geógrafo (não por influência minha), que trabalha no IBGE e está fazendo doutorado lá em Rio Claro. Vivi até quase os dezoito anos em Americana e depois fui estudar em Rio Claro. Fiz o meu curso primário, ginásio e normal (formação de professores) em Americana, no Instituto de Educação Presidente Kennedy. Todas as escolas públicas, naquele tempo, eram muito boas. E esta escola pública é que me deu as bases para estar aqui. Infelizmente hoje isto já não acontece mais.

* Professora Titular de Geografia - UNESP – Rio Claro. Entrevista realizada durante a ANPEGE em Florianópolis em setembro de 2003 e que teve a colaboração dos professores Darlene A. Ferreira (UNESP – Araraquara), Walquíria Krüger Corrêa, Luiz Fernando Scheibe e Maria Dolores Buss. Transcrição e adaptação para edição por Sandra Furtado. Texto revisado e autorizado pela entrevistada (lucia@rc.unesp.br).

Geosul - Falando nisto, como é que você foi fazer geografia?

Profa. Lúcia - Eu sempre gostei muito de estudar e quando eu estava no ginásio, gostava muito de ciências e era estimulada por um velho professor, daqueles que ainda davam aulas de guarda-pó branco. Nós tínhamos em comum a criação de abelhas. Só que a criação dele era moderna, com aqueles favos pré-fabricados e a minha era feita em caixão de sabão. Ele sempre dizia que eu tinha que fazer biologia. Acontece que eu venho de uma família humilde: meu pai foi carteiro a vida toda, minha mãe trabalhou um pouco quando eu era pequena e depois precisou parar, mas fazia ainda alguma coisa para fora, como bolos, comida, cortinas. Assim, nossa vida era complicada do ponto de vista econômico. Então, quando terminei o ginásio, tinha, naquele tempo, as opções de prosseguir no nível médio, fazendo o curso clássico, o normal ou o científico. Porém, tanto o clássico quanto o científico não eram terminais, pressupunham que você fosse continuar seus estudos em nível universitário. Eu não tinha essa garantia, ainda mais que em Americana não havia nenhum curso superior. Então, resolvi fazer o curso normal, que me daria chance de trabalhar como professora primária. Este velho professor, quando soube da minha matrícula no normal, foi lá em casa argumentar com meus pais, dizendo que eles estavam cortando a minha carreira. Mas a opção tinha sido minha. Meu pai só fez até o segundo ano primário (ensino fundamental) e a minha mãe, que tinha chegado até o quarto ano, tiveram a sabedoria de me deixar estudar e não me colocarem para trabalhar na “espulhinha”, que era uma máquina chamada espuladeira, que enrolava os fios dos grandes rolos em rolinhos menores que eram os que iriam tramar o tecido no tear (Americana é um grande pólo têxtil). Este era um trabalho eminentemente infantil, naquela época e o futuro da maior parte dos jovens a partir do término dos primeiros anos do ensino fundamental (chamado de primário na época). E como fui fazer geografia? Tendo feito o curso normal, eu não poderia fazer faculdade na área biológica porque não teria base suficiente para prestar o vestibular, mas eu não me sentia frustrada, desde que pudesse continuar meus

estudos. No normal a disciplina de geografia tinha sido ministrada pelo saudoso professor João Antonio Rodrigues (ex-professor de Rio Claro e da USP), que naquela época estava fazendo o seu doutorado sobre indústria de facção em Americana, e precisava de ajuda para fazer os trabalhos de campo. Então, me convidou para participar da pesquisa. A partir daí comecei a me interessar pela geografia e, com a base que o curso normal me dava, eu poderia sonhar em fazer um curso universitário. Eu tinha a opção de fazer geografia na PUC de Campinas, que era próxima de Americana, ou em Rio Claro; neste, com a vantagem de ser gratuito. Assim, decidi me informar sobre o curso de Rio Claro. Por coincidência, na frente da casa de minha avó, em Americana, moravam uns portugueses que tinham um sobrinho que trabalhava na faculdade de Rio Claro (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro). E eu fui lá, num domingo, para conhecer este rapaz, que era na época funcionário administrativo, e saber das informações para o vestibular (este rapaz, chamado Gessé, em 1971 se tornou meu marido). Já naquele tempo, sob inspiração do professor João Dias da Silveira, geógrafo e fundador da FFCLRC, foram instituídos, desde a primeira turma, os cursos pré-vestibulares, não só para a geografia, mas para todas as áreas. Eram cursos gratuitos, com duração de cerca de um mês, dados pelos alunos mais adiantados, preparando os candidatos para o vestibular que era específico para cada curso e não unificado como é hoje. As provas eram orais e escritas de Geografia do Brasil, Geografia Geral e Geografia Física, além de Português e Inglês ou Francês. Nós éramos 58 candidatos para 25 vagas e eu acabei passando em primeiro lugar. E aí, com o meu diploma de normal, fui ser professora substituta efetiva por alguns meses, e à noite trabalhava numa escola de inglês. Então, das 6 da tarde às 10 da noite eu era a secretária, arrumadinha, ou substituía o professor quando faltava. E para ganhar mais, depois das dez eu fazia a faxina no local. Com isto fui levando até o segundo ano da faculdade. No segundo ano eu soube, por intermédio do Gessé, que aí já era meu namorado, que existia a FAPESP e que ela concedia bolsa para aluno da graduação. Fui ao

chefe do departamento, que era o Dr. João Dias da Silveira, professor de Geografia Regional e Geomorfologia. Como eu ainda não havia cursado essas disciplinas, me encaminhou para o professor de Geografia Humana, José Alexandre Felizola Diniz, que na época era um jovem e entusiasmado professor.

Geosul - E como veio sua afinidade com a Geografia Agrária?

Profa. Lúcia - No fundo foi por acaso. Nesta altura eu não tinha ainda cursado Geografia Agrária. Tinha feito Geografia Humana com o Alexandre que, na época, estava fazendo o seu doutorado. Quando o procurei para o pedido de bolsa, imediatamente me aceitou, fizemos um projeto e encaminhamos para a FAPESP. Assim, comecei o segundo semestre do segundo ano já com a bolsa. Aí eu passei a ter o dinheiro para pagar a minha pensão, que até então, meus pais custeavam com a ajuda de meu irmão que, na época em que ingressei na faculdade, passou a estudar à noite e a trabalhar numa indústria têxtil de dia. Quando me formei, meu irmão foi fazer geografia em Rio Claro, e eu tive o maior prazer de poder retribuir, ajudando-o nas suas despesas.

Geosul - Você poderia comentar um pouco a tua trajetória na UNESP?

Profa. Lúcia - Eu entrei como aluna em 1967 e me formei em 1970. De 1968 a 1970 tive bolsa de Iniciação Científica. Quando terminei o curso, recebi bolsa de especialização. Sou, então, uma filha da FAPESP. No início dos anos 1970 estava começando a se institucionalizar a pós-graduação, que antes não era regulamentada. Não havia cursos de pós-graduação e as pessoas faziam o doutorado direto, por defesa de tese. Dezembro de 1970 era o limite para quem quisesse se inscrever nesta forma de doutorado, implicando que, até dezembro de 1973, a tese deveria ser entregue. O professor Alexandre, com aquele entusiasmo de sempre, considerando que eu já tinha experiência em pesquisa e alguns trabalhos publicados, insistiu para que eu me inscrevesse, embora não tivesse ainda nem colado grau, que aconteceu em janeiro de 1971. Para a inscrição devia ser apresentado o projeto, o currículo do candidato, a proposta de um orientador e o currículo dele. A

documentação passava pela congregação da faculdade e ia para Conselho Estadual de Educação que julgava o mérito e homologava ou não a inscrição. Mandamos e o CEE homologou. Então comecei o doutorado, sabendo que só teria três anos para terminar. Tive bolsa de especialização em 1971 e 1972. Neste ano, o Alexandre resolveu ir para a UNB por dois anos, com suspensão do contrato em Rio Claro, abrindo-se sua vaga, em substituição, por dois anos. Eu concorri para esta vaga e consegui, abrindo mão da bolsa de especialização. Fui ser colega do Ceron, do Christofolletti e de outros, que eram ídolos para mim. E fui agraciada com cinco disciplinas diferentes, pois naquele tempo nós éramos 11 professores no departamento. Era “uma barra”. Com medo de não conseguir terminar a tempo meu doutorado, me inscrevi para o mestrado na USP. Então, além de ministrar cinco disciplinas em Rio Claro, eu fazia mais duas disciplinas em São Paulo, sem bolsa. Como meu contrato na FFCLRC (hoje UNESP), tinha valor menor do que a bolsa de especialização que eu tive que abandonar, para economizar eu ia de trem de Rio Claro para São Paulo, de madrugada. Aí fiz curso com o Aziz, com o Araújo, com a Cecília França e outros. Em Rio Claro eu era orientanda do Alexandre; em São Paulo, do Araújo. Estávamos em 1973, no auge da quantificação. O Alexandre era o expoente do movimento quantitativo e o Araújo era defensor da geografia tradicional. E eu ficava entre os dois. Tudo tinha que ser administrado: a questão econômica, do tempo, e a filosófica.

Geosul - E como você fez?

Profa. Lúcia - Eu levei adiante minha pesquisa do doutorado. O tempo estava correndo e naquela efervescência das questões quantitativas, eu também trabalhei com teoria dos sistemas, base teórica que eu tive que estudar e que pouquíssimos autores discutiam. A parte quantitativa eu tive que aprender, nós não tínhamos computador. Eu tinha que coletar os dados, calcular tudo na maquininha, passar para uma folha de codificação à mão, com aquela folha eu ia para Limeira, na faculdade de engenharia da Unicamp por que lá tinha uma máquina de perfurar cartões; voltava

para Rio Claro, mantinha os cartões em uma bombona com sílica gel para não umidecer, à noite ia para a Unicamp, em Campinas, onde tinha um computador que eu podia usar, e processava a noite inteira para sair pela manhã e levar para Rio Claro para analisar o resultado. E isto várias vezes, por que nem sempre dava certo. Pra ter uma idéia o computador que eu usava era um IBM 1130 que ocupava uma sala, cheio de luzinhas, que era o top de linha na época, e que tinha 64k de memória, ou seja, você tem o triplo na sua agenda de bolso hoje em dia. Eu queria trabalhar com um grande conjunto de variáveis que achava importantes, porém, a matriz não cabia. Enfim, para complicar ainda mais, no final o Alexandre e eu tivemos um certo desentendimento: eu mandei meu trabalho pronto dizendo que era até onde eu podia chegar. Se ele concordasse, tudo bem. Se não, que me mandasse uma carta desistindo da orientação. Só para fechar um pouco da minha trajetória, eu fiz todos os créditos exigidos para o mestrado na geografia da USP. E fiz neste esquema maluco a pesquisa do doutorado. Em setembro de 1973 consegui terminar o doutorado. E no dia 28 de dezembro deste ano defendi a tese. Na USP, só terminei os créditos em disciplinas e colóquios.

Geosul - Sua tese era sobre o quê?

Profa. Lúcia - O estudo sistêmico da atividade agrícola: o caso da Alta Paulista. Deve ter sido a primeira tese de geografia que trabalhou com a teoria sistêmica, procurando operacionalizar a teoria sistêmica e na área agrária.

Geosul - E olhando agora para o que você fez no doutorado, como você avalia o trabalho?

Profa. Lúcia - Foi uma experiência que não tem preço. Fazer uma tese de doutorado, falo assim para os meus orientandos, é ganhar uma carta de alforria. Se você enfrenta uma tese de doutorado, se chega ao fim, está pronto para enfrentar qualquer barreira. E no meu caso, as condições eram muito adversas: eu estava fazendo uma coisa tão nova que não tinha referencial, utilizando muita tecnologia para a qual não tinha formação, e tinha que passar aquilo tudo para a geografia. Eu queria entender o mundo com

aquilo. Não sei se consegui muito, mas enfim, idéia era essa. Não era o interesse nos números pelos números, como foi a crítica que a geografia quantitativa sofreu. Sei que alguns trabalhos que saíram, até do próprio grupo, pareciam mais exercícios de estatística - porque a gente tinha mesmo que exercitar - mas o grupo tinha a preocupação com a teoria da geografia. A questão não era a conformação espacial, quando se estudava Lösch, mas o princípio do custo em relação à distância; estudamos profundamente as teorias e modelos geográficos, procuramos aprender, além da estatística, filosofia, epistemologia etc. Deste grupo de estudos, criado em 1968 ou 69 é que surgiu a Associação de Geografia Teórica em 1971.

Geosul - Quem fazia parte deste grupo?

Profa. Lúcia - José Alexandre Felizola Diniz, Antonio Olivo Ceron, Miguel Cezar Sanchez, Livia de Oliveira, Antonio Christofolletti, Luci Marion Calderini Philadelpho Machado, que na época era recém formada, eu, ainda estudante. Havia dentro do departamento de geografia uma divisão, entre os tradicionalistas e os quantitativistas.

Geosul - Vocês eram taxados de quantitativistas e foi um jargão que se utilizou por muito tempo. Como é que vocês enfrentaram isso?

Profa. Lúcia - Em um primeiro momento houve até confrontação, principalmente com o Alexandre que era o mais entusiasmado. Mas a teoria da difusão espacial e renovações mostra muito bem como essas coisas funcionam. Uma idéia nova, para que dure assumo tempo e espaços cada vez mais amplos, tem que impactar. E isso acontecia coma a tal geografia quantitativa, provocando reações a favor e contra Eu tenho guardados os jornaizinhos dos estudantes da USP que falavam do “movimento do riacho escuro” e coisas horríveis de um tal de A. C. que era o Antonio Christofolletti. Mas como toda onda, passa. E passou. Como aquela vieram outras. Foi interessante que depois disto tudo a AGB de São Paulo convidou o pessoal de Rio Claro para dar um curso de estatística aplicada à geografia. Aí fomos o Ceron, o Christofolletti,

o Alexandre, e eu dar aulas de estatísticas para os professores da USP. Eu posso dizer que fui professora do Ariovaldo, da Rosa Éster Rossini, do Seabra, entre outros.

Geosul - Lúcia você foi uma das idealizadoras dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária . Poderia resgatar um pouco essa história?

Profa. Lúcia - Em 78 o grupo de agrária foi para a AGB, que tinha nos destinado o espaço de uma mesa redonda e de comunicações sobre geografia agrária. A AGB já estava atingindo esta dimensão imensa que ela tem hoje. O Milton Santos estava voltando da Europa, era o centro das atenções e sua presença muito influenciou as mudanças que ocorreriam na estrutura e no perfil da AGB a partir daquele ano. O pessoal de agrária sentiu que não tinha mais condição de uma discussão séria que abrisse caminhos em meio a uma crescente multidão, quase num clima de “happening” em que só se podia apresentar trabalhos para informar o que se estava fazendo. Aí, em um dos intervalos, o Alexandre Diniz, a Olindina Vianna Mesquita, a Solange Tietzmann Silva, o Rivaldo Pinto de Gusmão, (os três do IBGE do Rio) o Ceron, e eu nos reunimos e resolvemos fazer o primeiro encontro de geografia agrária, que o Alexandre se dispôs a organizar em São Cristóvão, Sergipe, em dezembro de 1978. E a partir dali, foram se sucedendo em princípio anuais e depois a cada dois anos. O último foi realizado em Petrolina, em dezembro de 2002.

Geosul - E como você vê estes encontros hoje?

Profa. Lúcia - Eu sinto que o perfil destes encontros está mudando. Nós fazíamos um encontro que reunia só o pessoal que estava trabalhando efetivamente na área. Qualquer pessoa que quisesse participar, deveria inscrever trabalhos na área, inclusive alunos. E sempre se procurou fazer em um hotel fechado, já que muitas vezes a riqueza destes encontros está mais nas conversas do corredor, do que nas sessões. Além disso, se convencionou que o encontro não seria de nenhuma instituição, mas do grupo que se dispusesse a organizar. No final do encontro este deve ser avaliado numa plenária, e proposto o temário para o próximo encontro. Não

quero fazer um juízo de valor da situação atual por não ter participado dos dois últimos, mas fico um pouco temerosa de que a gente perca esse contato mais íntimo, com os pesquisadores da área devido ao crescimento do número de participantes, inclusive com não praticantes ou diretamente interessados na temática.

Geosul- Desde a sua formação até a atualidade, como é que você vê a geografia?

Profa. Lúcia – Não há como não dizer que a geografia tem se enriquecido muito. Aquela geografia monolítica, a escola francesa, que foi a que eu estudei, deu-me chão. Mas hoje em termos de temáticas, teoria e metodologia a geografia está muito mais rica; está menos acadêmica, se voltando para questões do meio ambiente, da sociedade, mais preocupada com as questões emergentes. O geógrafo está procurando, não sei se com muito sucesso, entender estas questões do dia-a-dia e dar caminhos. Neste ponto de vista a geografia tem se enriquecido muito. Não vamos particularizar, mas na medida em que uma comunidade cresce, e sua produção também cresce, nem tudo será muito bom, nem tudo muito ruim. A gente vê textos que levam à pergunta: escrever tanto para não dizer nada? Em outros, dizemos: esse trabalho é seminal, tem que ser lido e tomado como referência. Essa pressão de estímulo à produção bibliográfica, pode resultar na multiplicação de artigos sem importância publicados, mas tem resultado em muita coisa boa. Embora muitas coisas tenham sido colocadas sem muita reflexão, muita reflexão também tem sido apresentada. Veja o número enorme de revistas que a gente têm hoje. No meu tempo de estudante era o Boletim Paulista de Geografia, a Revista Brasileira de Geografia e o saudoso Boletim Geográfico. Eu lembro quando saiu o meu primeiro artigo na Revista Brasileira de Geografia, foi a glória. Hoje nós temos perto de 40 revistas de geografia. É uma diversidade enorme. Isso é bom. A geografia cresceu. Aquele ranço de olhar enviesado para quem não fosse de uma certa linha teórico-metodológica parece que terminou, hoje se admite a convivência pacífica das várias tendências.

Geosul- E essa sua visão abrangente da geografia brasileira se qualifica também pelo seu trabalho na CAPES e na própria ANPEGE...

Profa. Lúcia - Acho que foi uma experiência fabulosa ter participado desta comissão da CAPES como membro e agora como representante de área, por que a gente tem o privilégio de ter uma visão da própria ciência que não é todo mundo que tem. Às vezes a gente circula na nossa universidade ou em mais duas ou três onde se é chamado para fazer parte de bancas, ou ministrar cursos na nossa área temática. Quando se assume uma posição dessas, acaba se tendo uma visão de todas as áreas temáticas e de todos os espaços. Quando eu entrei na Comissão de Avaliação da CAPES eram somente 9 cursos, hoje são 27. Então eu acompanhei o crescimento da geografia através dos cursos institucionalizados de mestrado e doutorado.

Geosul - Quando que você começou na CAPES?

Profa. Lúcia - A primeira avaliação de que participei foi em 96. Houve um crescimento enorme na última década, quase geométrico. Dá para ter uma visão muito especial do que é a geografia brasileira. Hoje nós temos mestrado em geografia em todas as regiões do país, com exceção da Região Norte (que já até podia ter apresentado uma proposta); começamos a preencher a lacuna do doutorado no Nordeste, com a instalação do doutorado de Sergipe. Existem outras lacunas a serem cuidadas como o fato de termos poucos programas que têm como linha de pesquisa o ensino de geografia e estarmos formando pesquisadores de conteúdo temático, mas não termos nos preocupado com o ensino: raros são os programas que têm disciplinas voltadas ao ensino, mesmo considerando que 90% da nossa clientela ou vem do ensino ou vai para o ensino.

Geosul - Acho que até bem pouco tempo, os programas de pós-graduação não pensavam o ensino como pesquisa. Houve caso de professores querendo fazer mestrado e que não tiveram chance, porque não era visto como pesquisa.

Profa. Lúcia - Isto não é exceção. Só há 5 programas que têm linha de pesquisa em ensino da geografia, ou implicitamente alguma coisa como teoria, métodos e história de geografia. Num documento que preparei para a CAPES, projetando o futuro da pós-graduação eu chamo a tenção para esta situação. Temos que ousar e juntar esforços para conseguirmos dinamizar esta temática dentro da geografia. Porque não pensar, por exemplo, em uma linha de pesquisa ou até mesmo uma área de concentração transinstitucional, juntando, por exemplo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná?

Geosul- Uma outra possibilidade seria trabalhar com os centros de educação. Aqui na UFSC, por exemplo, tem um grupo forte em ensino de ciências, e embora a geografia não esteja considerada dentro - é mais para biologia, matemática, física - eles já aceitaram alguns alunos nossos.

Profa. Lúcia - São coisas que a gente consegue ver depois que ocupa uma posição destas, pois recebe todas as informações. Infelizmente, nós não nos comunicamos. Mesmo hoje ainda é a maior dificuldade de ter comunicação com os programas, imagina com as pessoas. Quem não recebe as informações pelo grillhão que é o DATACAPES, não fica sabendo. Até dei a sugestão para que a ANPEGE não faça um portal com as informações de todas as pós-graduações em geografia. Por exemplo, quem quiser fazer uma pós-graduação trabalhando com agricultura familiar, vai ao portal e acha, inclusive, os profissionais que trabalham com o tema, que trabalhos estão sendo desenvolvidos etc. Isto seria um papel importante que a ANPEGE poderia desempenhar. No site da CAPES é difícil: tem que entrar no portal da CAPES, em cursos recomendados, na área de ciências humanas, em geografia, e aí pesquisar em cada programa. As linhas de pesquisa eu só consegui porque sou membro da comissão da CAPES e tinha o CD do COLETA, com todos os dados dos programas para avaliação. Mas este CD é de circulação restrita. Essa informação não pode estar tão escondida assim. Cabe a nós tornarmos esta informação

disponível. Sem se considerar que ainda há muitos programas que nem sequer têm páginas na Internet.

Geosul - Como é que você vê a ANPEGE agora, já tem dez anos, você já foi presidente...

Profa. Lúcia - Eu acho que a ANPEGE é e que foi necessária de longa data; tanto é assim, que embora tenha sido fundada em 93, desde 83, 84 que já se vinha falando, de uma associação que congregasse os programas de pós-graduação. A ANPEGE é jovem ainda, está conseguindo cada vez mais uma interlocução com os programas para ser uma representante efetiva deles, as reuniões estão servindo para fazer esta ligação. E a ANPEGE é aquilo que os programas quiserem que ela seja, e vai dizer aquilo que os programas quiserem que ela diga. Isto tem sido feito assim, inclusive com a eleição da representação de área e a constituição da comissão de avaliação da CAPES. Acho estes encontros interessantes e penso que como os encontros nacionais, de caráter científico, acontecem a cada dois anos, no intervalo deveriam acontecer reuniões de trabalho institucional: os programas, por seus representantes, discutiriam questões burocráticas, administrativas, de avaliação, de representação. As duas atividades juntas, não dá certo. Em todas as reuniões existem as mesmas reclamações que foram feitas aqui, como que a ANPEGE dedica muito tempo para discutir assuntos da CAPES e do CNPq e pouco tempo aos trabalhos científicos. Por exemplo, sem nenhum demérito à comissão que organizou este encontro, havia perto de 400 painéis que ficaram do outro lado do campus e pouca gente viu, o que é uma pena. Mas a próxima diretoria, com toda liberdade que se deve dar a ela, pode resolver como deve ser. Temos que dar toda a nossa força para esta entidade que representa os programas.

Geosul - Quais os desafios que estão postos para o geógrafo nesta utilização de conceitos como território e espaço por outras áreas?

Profa. Lúcia - Eu acho que não cabe xenofobia nem em relação a conceitos nem em relação a profissionais de diferentes áreas. Acho que a gente tem que ter é cuidado em relação a conceitos que vem

de outras áreas. A gente vê muitos trabalhos usando conceitos de áreas correlatas, tanto na área física como na humana, de maneira inadequada. Ou seja, aquela ciência que estabeleceu aquele conceito não o entende da maneira como ele é usado na nossa, e isso eu acho que é um crime de *lesa patria*, com relação à outra ciência que refletiu sobre ele, da mesma maneira como considero as outras ciências que utilizam os conceitos da geografia. Eu acho que se uma ciência reconhece o conceito da outra como válido para as suas explicações do mundo deve usá-lo, é bom que se use, e é um reconhecimento da ciência correlata. E há conceitos dentro da nossa ciência que nós não devemos abandonar. Esta história de modismo dentro da ciência fica um pouco complicada. Eu não posso desconhecer o que veio antes, tenho que tomar como referência, atualizar, rediscutir. Por vezes se faz isto: agora o conceito chave é este aqui. O Bernardo... usou umas metáforas interessantes na palestra dele ontem: não se faz o uso do conceito, e sim da palavra. Está cada vez mais fluída a barreira entre uma ciência e outra, mas afinal de contas, existe um núcleo próprio de cada ciência que são os seus conceitos.

Geosul - Quando você começou a trabalhar com geografia parece que tinham ramos bem definidos, como, por exemplo, geografia humana e dentro dela a agricultura. Hoje nós temos as linhas temáticas e os temas, e dentro de um tema como desenvolvimento sustentável têm vários ramos da geografia trabalhando. Como você vê isso?

Profa. Lúcia - É bom voltar ao passado e lembrar que o conceito unificador da geografia por muito tempo foi o conceito de paisagem, que eu acho que tem que ser revisitado hoje. Na paisagem você não tinha, assim como na região, essa questão do especialista. Todo mundo trabalhava com a paisagem e com a região enfatizando mais um aspecto ou outro. Mas assim como as outras ciências, na geografia os ramos científicos vão se especificando. Na medida em que a ciência vai se especializando vai ocorrendo uma atomização do conhecimento, se perdem esses conceitos integradores. Se há mudança na geografia, de eixos

disciplinares para eixos temáticos, onde uma mesma questão possa ser abordada de distintas maneiras por vários profissionais de diversos ramos da geografia, isto é ótimo. Estamos reconstituindo nossos conceitos integradores e, talvez, dando outros nomes a velhos conceitos.

Geosul - Você sempre foi uma referência na geografia agrária. E como você vê os estudos de agricultura e será que deixou de ser um tema significativo para a geografia?

Profa. Lúcia - Voltando de novo ao passado (porque hoje dizem que 80% das pessoas estão concentradas na cidade, coisa que não acontecia da década de 60), naquele tempo o motor da economia era a agricultura que ocupava as maiores extensões de terra, a maior quantidade de pessoas e produzia maior renda, enfim, dominava a cena. Então, neste período todo mundo estudava geografia agrária, seja agrária mesmo, como organização da terra, seja como paisagem. Na medida em que a economia vai mudando, muda o foco para a atividade industrial e para a cidade como locus do exercício da atividade econômica. A atração da pesquisa também se volta para esse lado e a geografia agrária tem uma queda na produção. Face a esta crise, de acordo com alguns, como o Alexandre Diniz no ENGA de Diamantina, não teria mais sentido realizar os ENGAs porque estariam repetitivos. Acontece que de lá para cá a agricultura tem sido vista pelo geógrafo dentro de um outro contexto: os complexos agroindustriais, a modernização da agricultura e suas conseqüências e, mais recentemente, volta o interesse pela produção familiar. Este segmento, em termos de número, é a massa do produtor agrícola brasileiro, mas mesmo assim as políticas agrícolas assim como as pesquisas agropecuárias, por exemplo, estão direcionadas aos grandes produtores. Como eles resistem? Hoje aumentou o interesse pela geografia agrária, sob uma perspectiva diferente daquela da década de 1960. Os estudos vão além da organização agrária, abordam temas como os impactos da agricultura no meio ambiente, toda a questão do novo rural (que não é tão novo assim), os conflitos no

campo. E como esse viés se ajusta mais ao produtor familiar há um renascer dessa questão.

Geosul - Para finalizar como você vê a graduação de geografia, licenciatura e bacharelado. Eu não sinto um fortalecimento grande na graduação como vejo na pós-graduação.

Profa. Lúcia - Foi criado no país, na década de 1970, este sistema que articula a pós no Brasil, estabelece os parâmetros mínimos e avalia a qualidade. Na graduação isto não foi criado da mesma maneira. Por um longo tempo a graduação esteve jogada às traças e aos sabores políticos, no sentido ruim do termo. O provão, a que a geografia foi submetida agora, parece que é o último. Não vamos nem ter o resultado dele. Se o provão é o melhor método para avaliar, não vamos discutir mas, de qualquer maneira alguma avaliação deveria existir, como a que é feita na pós-graduação, onde se têm os critérios mínimos e transparentes e foi super benéfica para a pós-graduação. Na graduação isto não existe, e cada um faz o que quer. Agora não tem mais nem o currículo mínimo. Só tem os parâmetros curriculares que são indicações do que deve ser dado para o aluno, mas não há uma estrutura rígida. Tem as comissões do MEC que fazem as visitas para autorização e reconhecimento de curso, mas é um momento. Não há acompanhamento.

Geosul - Hoje em dia todo mundo que está se formando já está pensando em ir para o mestrado...

Profa. Lúcia - E não é só isto. É a falta de perspectiva. Para o aluno da licenciatura o caminho direto é o magistério, desvalorizado do jeito que a gente conhece. E o bacharelado, faz o quê no mercado de trabalho? Então faz a pós-graduação na ilusão de ter mais condições de emprego e uma bolsa. É uma falácia. No meu programa (UNESP) entram 20 alunos e em torno de 2 recebem bolsa depois do segundo semestre. E com isto a mudança no perfil dos alunos é muito grande. As primeiras turmas de alunos eram professores universitários, todo mundo já vinha com sua bolsa, seu salário. Esse tipo de aluno se esgotou, até porque era um estoque limitado. Os cursos se multiplicaram e os recém-formados

se multiplicaram. E sem bolsa o que acontece com os mestrados é que têm que sobreviver, dar aula, muita aula, e o mestrado vai ficando. Com isto o índice de desistência vai aumentando e as conclusões apressadas dão um grande trabalho para o orientador. A quebra deste ciclo vicioso teria que ser pela valorização do professor, não só de geografia. Enquanto a educação não for considerada patrimônio, uma cláusula pétrea para o nosso desenvolvimento e com isso se valorizar adequadamente o professor, você não sai desse *imbróglio*. A história mostra que os países que conseguiram dar o salto do desenvolvimento começaram pela educação. E leva duas ou três gerações para mudar isto.

Geosul- Queremos agradecer a sua disposição em conceder esta entrevista.